

Brasil permanece imune à febre verde

Paulo Silva Pinto e
Ximena Morales Leiva
Da equipe do **Correio**

Em situações de desespero econômico, é comum o governo se esforçar, sem sucesso, para espalhar tranquilidade. O Brasil está vivendo um raro momento em que acontece o oposto. Para analistas financeiros, não há sinal de tempestade, apesar das ameaças de contágio com os problemas da Argentina. Na área econômica do governo, porém, optou-se pela cautela. Essa contradição não é ruim. Ao contrário, os analistas consideram uma demonstração de que não há risco de que, em meio ao otimismo, o governo esqueça alguma porteira aberta.

O diretor da Área Externa do Banco Central, Ilan Goldfein, acha que a estabilidade do real, apesar da alta de 25% do dólar frente ao peso argentino na segunda-feira em comparação com sexta-feira, demonstra que o Brasil está protegido dos efeitos da crise argentina. Ele não quis, porém, endossar a idéia de isolamento. "Isso só comprova que nesta semana correu tudo bem", limitou-se a dizer. A seu lado, o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Guilherme Reis, tratou de deixar claro que o governo não vai deixar de ser vigilante. "A Argentina é um ponto de atenção permanente", alertou.

Os dois anunciaram na terça-feira empréstimo de US\$ 5 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao Brasil, que explica boa parte da calma do mercado. O dólar fechou ontem a R\$ 2,32, o menor nível desde 3 de janeiro. No mês, a queda é de 1,69%. Mas é bom lembrar que o dinheiro do FMI não chegaria agora sem que o acordo tivesse sido firmado em agosto do ano passado. Naquele mês, as coisas estavam bem piores por aqui, com o dólar a R\$ 2,51, por conta das incertezas sobre o que ocorreria com o câmbio na Argentina. Em novembro, auge da especulação contra a moeda brasileira, o dólar chegou a R\$ 2,90. Em janeiro, finalmente, acabou a paridade entre o dólar e o peso argentino. Confirmou-se, assim, o que já se esperava. E o temor de que o Brasil afundaria junto com a Argentina dissolveu-se.

Não foi só o susto do ano passado, porém, que fez o Brasil se mexer para que as coisas melhorassem. Desde janeiro de 1999,

Daniel Luna / AP



DESEMPREGADOS ARGENTINOS VENDEM LUGARES NA FILA PARA QUEM BUSCA DÓLAR MAIS BARATOS NOS BANCOS

quando o real se desvalorizou e passou a flutuar, as vendas brasileiras no exterior vêm aumentando continuamente, por conta dos preços mais baixos e do esforço dos exportadores em procurar nova freguesia. Assim, os países compradores têm se diversificado e também os itens vendidos.

Nos primeiros três meses do ano passado, o Brasil comprou do exterior mais do que vendeu e

a balança comercial ficou negativa em US\$ 681 milhões. Entre janeiro e março deste ano, o sinal inverteu: as exportações foram US\$ 910 milhões maiores do que as importações. "Isso é uma prova de que o Brasil está se descolando da Argentina", diz o economista Marcelo Portilho, do Bank of America.

O mais impressionante é que o desempenho na balança comercial tem melhorado apesar de as exportações do Brasil para a Argentina terem despencado. Em janeiro e fevereiro do ano passado, os brasileiros venderam US\$ 832,5 milhões para os argentinos. No mesmo período deste ano, foram US\$ 273,3 milhões, 67% menos — e quem vendeu não conseguiu receber o pagamento. Com uma economia três vezes maior do que a da Argentina, o Brasil pode dar-se o luxo de procurar refúgio contra os ventos portenhos no mercado interno ou em outros mercados de fora.

Isso não quer dizer que a situação dos vizinhos não faz a menor diferença para os brasileiros. A previsão do

Banco Schahin, por exemplo, é de que a balança comercial brasileira será positiva em US\$ 3,8 bilhões. Seriam US\$ 4,5 bilhões se estivesse tudo bem na Argentina. "Se há um incêndio na casa ao lado da sua, você sofre com a fumaça e pode ter que reconstruir uma parede chamuscada", diz Júlio Sérgio Gomes de Almeida, economista-chefe do Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico (IEDE).

Há uma dose de sorte na situação do Brasil. Com a baixa dos juros em todo o mundo depois dos atentados de 11 de setembro, os investidores internacionais voltaram mais os olhos para países emergentes como o Brasil e o México. Em março, a entrada de US\$ 1,9 bilhão de investimentos diretos no Brasil superou as expectativas. Não há nenhuma garantia, porém, de que as coisas continuem assim. "Estamos a seis meses de eleições presidenciais, em um ano de incertezas políticas", diz o economista-chefe do Banco Schahin, Cristiano Oliveira.

Segundo ele, o que preocupa os investidores estrangeiros não é um candidato de esquerda vencer as eleições e sim que o futuro presidente, de qualquer partido que seja, não demonstre interesse em respeitar os limites de gastos públicos estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

NOVA QUEDA DO DÓLAR

O esforço do Banco Central da Argentina em controlar uma disparada na cotação do peso frente ao dólar está surtindo efeito. A moeda norte-americana fechou em 3 pesos ontem. E a força-tarefa da equipe econômica argentina para conter a alta do dólar será mantida até abril. Os exportadores estarão despejando US\$ 2 bilhões no mercado e que serão transformados em moeda local. Depois do susto de segunda-feira, quando a moeda chegou a bater nos 4 pesos durante o pregão, o sucesso da operação trouxe alívio tanto para o presidente da Argentina, Eduardo Duhalde, como para os economistas do governo. A conquista motivou o BC a pedir aos bancos que liberem mais agências para a venda do dólar regulado. E as casas de câmbio deverão abrir meia hora mais cedo hoje. O governo terá outra frente para combater: o aumento dos preços generalizado.